



ESTADUAL DA PARAÍBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS IV  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**GENILMA DE SOUSA CARNEIRO**

**A FUGACIDADE DO TEMPO NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES:  
ANÁLISE DE “RETRATO”, “TRANSIÇÃO” E “EPIGRAMA Nº 2”**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2014**

**GENILMA DE SOUSA CARNEIRO**

**A FUGACIDADE DO TEMPO NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES:  
ANÁLISE DE “RETRATO”, “TRANSIÇÃO” E “EPIGRAMA Nº 2”.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito total para a obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. M.Sc. Marta Lúcia Nunes

**CATOLÉ DO ROCHA - PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C289f Carneiro, Genilma de Sousa.

A fugacidade do tempo na poesia de Cecília Meireles  
[manuscrito] : análise de "retrato", "transição" e "epigrama nº 2" /  
Genilma de Sousa Carneiro. - 2014.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e  
Agrárias, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Marta Lúcia Nunes, Departamento de  
Letras e Humanidades".

1. Fugacidade. 2. Poesia. 3. Tempo. I. Título.

21. ed. CDD 869.91

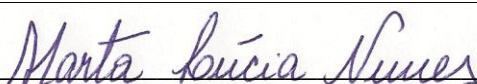
GENILMA DE SOUSA CARNEIRO

A FUGACIDADE DO TEMPO NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES:  
ANÁLISE DE “RETRATO”, “TRANSIÇÃO” E “EPIGRAMA Nº 2”.

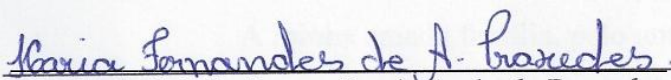
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduada em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovado em: 27/11/2014.

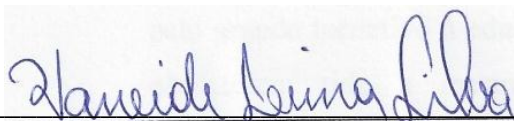
BANCA EXAMINADORA



Prof<sup>a</sup>. Ma. Marta Lúcia Nunes (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>a</sup>. Ma. Maria Fernandes de Andrade Praxedes  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof<sup>a</sup>. Dra. Vaneide Lima Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha amada família, pelo amor, dedicação e união, em especial a minha mãe Maria José de Sousa Carneiro e a meu pai Raimundo Carneiro Cassiano, pelo grande incentivo à educação, os quais, apesar de não terem tido a mesma oportunidade a mim concedida, sempre foram os meus maiores educadores. Ao meu esposo, pelo companheirismo e apoio, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, Pai bondoso e generoso, por manter-me sempre erguida perante as dificuldades da vida.

À professora Marta Lúcia Nunes, pelas leituras sugeridas e pelo apoio dedicado ao longo dessa orientação.

A meu pai Raimundo Carneiro Cassiano, pelo amor e incentivo a mim dedicados, pelo seu caráter e honestidade que é meu exemplo de vida.

A minha mãe Maria José de Sousa Carneiro, pelo amor incondicional, cuidados e incentivos que contribuíram sempre para a formação da pessoa que hoje sou.

Aos meus amados irmãos, pelo amor e união e por todos os momentos compartilhados.

Ao meu querido esposo Jesumar Delgado, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos.

A todos os meus professores que contribuíram ao longo de minha jornada para que eu pudesse construir, através de seus ensinamentos, meus conhecimentos.

Às amigas queridas, Leonara, Michelle Lima, Tarcia Camila, Francisca Pereira, Dayanne Jéssica, Priscila Lima e Janaíres Oliveira, pelos maravilhosos momentos que passamos e pela parceria nos momentos bons e ruins.

Aos colegas de classe e ao Irmão Neto, pelos momentos de amizade e apoio que levarei sempre comigo.

“Hoje o tempo voa, amor  
Escorre pelas mãos  
Mesmo sem se sentir  
Não há tempo que volte, amor  
Vamos viver tudo que há pra viver  
Vamos nos permitir.”

Lulu Santos.

# A FUGACIDADE DO TEMPO NA POESIA DE CECÍLIA MEIRELES: ANÁLISE DE “RETRATO”, “TRANSIÇÃO” E “EPIGRAMA Nº 2”.

Genilma de Sousa Carneiro<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a fugacidade do tempo na poesia de Cecília Meireles, através da análise dos poemas: “Retrato”, “Transição” e “Epigrama N. 2”. Esta análise tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, onde foram abordados autores como Huidobro (1991), Bosi (1977), Heidegger (2009), Agostinho (1997) dentre outros. A leitura dos poemas de Cecília Meireles propõe ao leitor uma reflexão sobre o tempo e a vida do homem. Consagrando-se como escritora numa época marcada por mudanças literárias como ocorreu com a Semana de Arte Moderna, Cecília Meireles lança ao mundo seus poemas marcados de características peculiares á autora, poetisa que sente e entende a contemplação da vida e os instantes que a compõe. Este estudo não buscou apenas os elementos estilísticos dos poemas como a métrica, rima e ritmo, mas, uma análise da ação do tempo na vida do indivíduo, fazendo uma reflexão de como esse agir transforma exteriormente e intimamente o ser, que muitas vezes não percebe a velocidade dos acontecimentos.

**Palavras-Chave:** Fugacidade. Poesia. Tempo.

## 1 INTRODUÇÃO

A poesia é transformação da realidade, é a expressão da beleza de tudo aquilo que pode ser entendido num verso, é uma contemplação emocional. Através da poesia, podemos despertar nossa sensibilidade e emoções, pois ela é dotada de múltiplas significações. Porém nada é tido como verdade absoluta, tudo é subjetivo e depende do estado emocional de cada leitor, visto que ela explora diversos significados, é uma fonte de saber e magia, manifestando a beleza dos sentimentos e sensações do autor.

Para Huidobro (1991 p. 213), “a poesia tem duas significações: significação gramatical da linguagem que dá nome a tudo sem mudar o seu sentido real diante do mundo; e a significação mágica, a qual é da maior importância na poesia, pois ela ultrapassa as normas da gramática”. Essa linguagem mágica é fonte dos poemas de uma das maiores poetisas brasileiras, Cecília Meireles, que é referência em nossa literatura. Cecília exerceu muito bem

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Licenciatura Plena em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus IV.  
Email: genilma-sousa@hotmail.com



sua função de educadora, organizou e dirigiu a primeira biblioteca infantil brasileira em 1934, um marco histórico para a história da literatura no Brasil.

Considerada como poeta atemporal, Cecília Meireles é dona de uma linguagem única, que rompeu com os padrões estéticos utilizados em sua época, principalmente aqueles discutidos durante a Semana de Arte Moderna em 1922, um período de transformação literária, a poeta aborda em seus poemas temas como a solidão, a morte, o amor, o eterno e o efêmero, sendo este último tema da nossa discussão, pois essa temática está ligada à nossa realidade, e por vezes nos remete a questões reflexivas sobre esse fluxo temporal na vida do indivíduo.

Na arte poética de Cecília Meireles, a fugacidade do tempo é um tema presente em algumas de suas poesias, como é o caso dos poemas a seguir expostos para as análises, neles a autora vincula o ser ao tempo e a cada fato acontecido, pois tudo tem seu próprio tempo. A partir da escolha do tema, fato este que se deu a partir da leitura de um poema interpretado em sala de aula durante as aulas de estágio supervisional, foram analisados três poemas de Cecília Meireles, por meio dos quais buscamos não fazer uma análise apenas estilística em seus versos, mas investigar o sentido em que eles foram escritos, quais os sentimentos e pensamentos propostos pela poetisa, uma vez que na poesia nada é objetivo, tudo é subjetivo e depende do leitor e de sua interpretação. Dessa forma, foram analisados os seguintes poemas: “Retrato”, publicado no livro *A viagem* (1937); “Transição”, publicado no livro *Mar Absoluto*, escrito em 1972; e “Epigrama Nº 2”, que encontra-se na coleção de escritos poéticos de *A Viagem* (1972).

Este trabalho de cunho bibliográfico buscou, através de autores como Santo Agostinho (1997), Huidobro (1991), Heidegger (2009) e Bosi (1977), mostrar como essa temática do tempo se dá na literatura, especialmente na poesia. Dividido em tópicos, encontra-se estruturado da seguinte forma: **O Tempo**, em que tecemos considerações sobre a origem dessa palavra e de como ela está relacionada ao ser; **O tempo na Literatura**, que tece um pouco de como essa problemática é vista dentro da nossa literatura, introduzindo a partir desse momento a fugacidade com que ele acontece; **O Ser no Tempo em Cecília Meireles** parte em que discutimos brevemente sobre como a poetisa trata e vincula o ser ao tempo em seus poemas; **A Arte Poética de Cecília Meireles** que versa brevemente sobre a autora e, por fim, **Analisando os Poemas** que estuda e traz uma análise dos poemas selecionados frisados em momento anterior.

## 2 – O TEMPO E O SEU (DES)ENCANTO

### 2.1. O TEMPO

A palavra tempo, oriunda do latim *Tempus*, significa momento, hora, instante, ano e estação (FARIA, 1962, p. 988). O conceito de tempo também definido pelos gregos que atribuíram três significações à palavra tempo: *Cronos* (tempo cronológico, que pode ser medido), *Kairós* (momento indeterminado, o tempo da oportunidade) e *Aeon* (tempo sagrado e eterno).

O tempo está ligado ao ser humano e a cada fato que lhe acontece. Essa temática torna-se bastante complicada se tentarmos usar um discurso que aborde uma relação direta com ela, pois é um tema de cunho subjetivo e relativo, que não é dado ao ser humano o poder de manipulá-lo, assim esse é um estudo que vem sendo analisado por diversos pensadores desde épocas medievais, como é o caso do filósofo Santo Agostinho.

Santo Agostinho foi um dos filósofos que mais contribuíram para análise desse tema, a temática do tempo se encontra presente no Livro XI da obra *Confissões* (1977), redigida entre os anos de 397 e 398. Nela, o filósofo afirma: “O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não o sei”.

Nesse sentido, é evidente a questão abstrata do tempo, pois não o conseguimos enxergar, mas o sentimos transcorrer a cada dia. Seus sinais estão impressos nas coisas diante dos nossos olhos, que percebem a todo instante que elas e os fatos mudam.

O cerne da reflexão do filósofo Agostinho compreende que o indivíduo é um ser temporal, ou seja, “que passa com tempo, que é passageiro” (HOUAISS, 2004, p. 713). Assim sendo, não podemos falar do tempo como um objeto exterior, uma vez que ele é composto do abstrato e acontece internamente no indivíduo, embora seus traços sejam percebidos externamente.

A partir desse pressuposto, pode-se inferir que o tempo é um assunto que está intimamente ligado à existência, podendo ser experienciado em diferentes formas, tomando um papel de grande magnitude em nossas vidas.

Agostinho (1977) vem trazer o questionamento de como podemos medir o tempo em passado, presente e futuro, já que, para ele, o passado é algo que já não existe e o futuro também não. Segundo o filósofo, ambos – passado e futuro – somente existem no presente, “mas como o futuro, que ainda não existe, pode diminuir ou esgotar-se? Como o passado que não existe mais?”. Ainda nesse sentido o referido autor afirma que: “No entanto, digo com

segurança que sei que, se nada passasse, não existiria o tempo passado, e, se nada adviesse, não existiria o tempo futuro, e, se nada existisse, não existiria o tempo presente”<sup>2</sup>.

A temporalidade presente nas reflexões agostinianas mostra que o tempo é algo imensurável, que está intrinsecamente ligado ao ser. Já o filósofo Heidegger (2009, p. 17), sobre a temporalidade afirma:

Diante da temporalidade originária o ser permanece sempre projetado para o futuro. Dizemos agora e pensamos no tempo. Mas em parte alguma do relógio que nos indica o tempo, encontramos o tempo, nem no mostrador nem no mecanismo.

Dessa forma, a questão da temporalidade, conforme Agostinho é confirmada por Heidegger, quando este mostra que o tempo não pode ser medido e que parte alguma do relógio indica como ele é medido. A prática de medir o tempo é algo muito remoto em nossa história, sendo criada para que os indivíduos se organizem, a partir do dia, da noite e das fases da lua, criando-se um tempo para cada coisa. Sendo assim, percebemos o mutualismo existente entre o tempo e as coisas, uma vez que cada uma delas está intimamente ligada à natureza do tempo e à forma como ele as compõe.

## **2.2 O TEMPO E SUA TRANSITORIEDADE**

A transitoriedade com os fatos acontecem e acarretam mudanças no indivíduo, algumas delas trazem consigo o desejo de insegurança e incompreensão desse fato. O ritmo dessas transformações, inquietações é uma constante presente na literatura.

A busca pelo anseio de entender como o tempo passa e os efeitos que ele traz para a vida acaba influenciando de forma direta e indireta a vida e a consciência do homem moderno, que carrega consigo um leque de indagações sobre a velocidade com que as transformações acontecem na vida. Para Bosi (1977, p. 114), “o tempo histórico é sempre plural: são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que, por certo, atuam eficazmente na rede de conotações do seu discurso”.

De forma relativa, o tempo está ligado à consciência e ao íntimo do indivíduo, que busca aproveitá-lo de maneira intensa, pois as relações e os acontecimentos são vistos de

---

<sup>2</sup> AGOSTINHO. *Confissões*. XI, 14,17.

modo fugaz, deixando muitas vezes sempre um sentimento de algo que inacabado ou que está por vir.

O tempo na literatura, aqui tratado, não discorre do tempo cronológico ou histórico, aquele em que a narrativa precisa de sua presença para atribuir sentido e sequência aos fatos acontecidos, mas traz uma reflexão dos efeitos naturais que ele causa no ser a cada instante, da fugacidade dos seus momentos que transformam o eu lírico em um ser inquieto, reflexivo, experiente, detentor de uma verdade inquestionável – que o tempo não volta – em que seus efeitos perdurarão por longos períodos. Nesse sentido, Tasselo Brelaz diz que “ele não volta atrás, nem se antecipa, simplesmente age e nos transforma. Em quê? Naquilo que nos permitimos de nos tornar. Ele, o tempo, nos conduz, mas não deduz o nosso futuro”<sup>3</sup>.

Os questionamentos acerca da vivência temporal, que tanto intrigam a humanidade, refletem-se na literatura, no que concerne ao tema a ser discutido e na busca por produzir narrativa capaz de apreender e representar o instante transitório.

Para Vieira (2011, p. 13), “[...] a literatura [...] diz respeito à arte da palavra”. Assim, pode-se aferir que o tempo na literatura é visto como um tema universal, a qual não é capaz de traduzi-lo de maneira densa, inferindo sempre ao seu sentido algo tão subjetivo que cabe a cada leitor atribuir um sentido competente ao momento do fluxo existencial.

### **2.3 O SER NO TEMPO EM CECÍLIA MEIRELES**

O tempo é algo transitório, não podemos vê-lo, tampouco controlá-lo. Ele opera em todos os seres e coisas que habitam o universo, não escolhe a quem ou a que, simplesmente atua, não descansa e opera velozmente a cada ser em proporção diferente, age de forma uníssona e todos sentem seus efeitos no decorrer da vida.

Em tudo aquilo que habita o universo, há algo a ser contemplado, os seres, a natureza, uma música, sempre estaremos em algum momento admirando algo. Comumente os poetas também são assim, contemplam a vida e o que faz parte dela, renovam-na em seus versos, assim é Cecília, uma poetisa que sente e entende a contemplação das coisas, o instante que as compõe, que sensorialmente em seus versos faz silenciar, tocar e cantar a transição da vida, que a entende como um fluxo constante e onde a transitoriedade manifesta-se na consciência do ser, que em determinada ocasião compreende a brevidade da vida.

Nessa perspectiva o tempo contempla a poesia cecilianiana, transfigurando-se em seus versos a transitoriedade do instante. A esse respeito o crítico Flávio Loureiro Chaves diz que a

---

<sup>3</sup> Disponível em: <[http://pensador.uol.com.br/o\\_tempo\\_e\\_algo\\_que\\_nao\\_volta\\_atras/](http://pensador.uol.com.br/o_tempo_e_algo_que_nao_volta_atras/)>. Acesso em: 14/08/2014.

poesia de Cecília Meireles vive “engolfada na torrente do tempo”<sup>4</sup>. Desse modo é inquestionável o quanto essa temática do tempo está presente no universo poético de Cecília, apresentando nele os mais diversos questionamentos e inquietações acerca da transitoriedade da vida, da fugacidade com que ela decorre. Segundo Huidobro (1991p. 213), “o poeta faz mudar de vida as coisas da natureza, recolhe com sua rede tudo aquilo que se move no caos do inominado, estende fios elétricos entre as palavras e ilumina subitamente rincões desconhecidos, e todo esse mundo estoura em fantasmas inesperados”.

O autor explica que na poesia as palavras perdem o seu real sentido, dando lugar a um sentido novo, subjetivo, onde muitas vezes esse sentido chega a denotar a irrealidade das coisas, levando o leitor a alcançar uma fase de encantamento.

## 2.4 A ARTE POÉTICA DE CECÍLIA MEIRELES

A poetisa Cecília Meireles apresenta em suas obras uma linguagem e divergente das tendências que marcavam as transformações sociais e literárias da época em que viveu, a exemplo da Semana de Arte Moderna em 1922, que exigia um novo padrão literário, diferente da estética parnasiana.

Desde o início, Cecília foi marcada por uma profunda sensação de distanciamento e orfandade, sentimento que influenciou os seus poemas, o que talvez possa ser explicado pelos acontecimentos que marcaram a vida e a formação da poetisa, pois seu pai falecera meses antes de ela nascer. Órfã de pai, Cecília também conviveu com o signo da perda de sua mãe, que morreu quando ela tinha apenas três anos de idade; sem os pais, a poetisa passou a viver sob os cuidados da avó materna.

Marcada pelo símbolo da morte, a autora conta que enquanto para muitos essa perda representa um sentimento doloroso, para ela trouxe uma aprendizagem que moldou sua personalidade:

Nasci aqui mesmo no Rio de Janeiro, três meses depois da morte de meu pai, e perdi minha mãe antes dos três anos. Essas e outras mortes ocorridas na família acarretaram muitos contratempos materiais, mas, ao mesmo tempo, me deram, desde pequenina, uma tal intimidade com a Morte que docemente aprendi essas relações entre o Efêmero e o Eterno que, para outros, constituem aprendizagem dolorosa e, por vezes, cheia de violência [...]. A noção ou sentimento da transitoriedade de tudo é fundamento mesmo de minha personalidade (SANCHES, 2001, p. 23).

De natureza introspectiva, Cecília foi atraída pelas tendências espiritualistas, ao descobrir no grupo da revista *Festa* características que vão além de um programa estético. É

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://educaterra.terra.com.br/literatura/poesiamoderna/2003/06/30/002.htm>. Acesso em 27/09/2014.

através dele, que ela confirma seu deslocamento com os laços materiais, entregando-se assim à contemplação do seu eu, em que ela fortalece sua conexão com os princípios atemporais, aqueles que não podem ser apagados.

A poética de Cecília Meireles denota uma preocupação de natureza existencial, uma busca do homem que anseia viver em harmonia consigo mesmo e com o mundo. Seus versos, dotados de uma profunda lírica, representam a angústia íntima do ser diante do fluxo de tempo.

A passagem do tempo acontece de forma irreversível e o seu fluxo envolve todos os seres e coisas de uma forma que cada ser, através da vivência de suas experiências, absorve ensinamentos e características peculiares que os tornam diferentes entre si, e são traduzidos nos poemas cecilianos por meio de uma linguagem dotada de lirismo.

## 2.5 ANALISANDO OS POEMAS

Cecília Meireles apresenta em seus poemas uma linguagem serena, musical, abordando sempre temas como a fugacidade do tempo, a solidão do ser, a vida como sonho, a distância, a perda (elemento que se destaca pelas perdas familiares sofridas pela autora). Algumas de suas poesias apresentam um tom melancólico e sereno, porém jamais transfigura o desespero, pois a poeta atribui múltiplos sentidos aos seus versos. Assim depende do estado de espírito do leitor imputar suas significações, pois, como diz Bosi (1977, p. 132), “o poeta é o doador de sentido”.

Sua poesia anseia atingir um mundo atemporal e imaterial, onde os laços materiais parecem sempre levar o indivíduo a ficar mais distante do lado espiritual, distanciando-se cada vez mais da plenitude da alma.

Alguns desses temas como a solidão, a fugacidade do instante, o desencontro encontramos no poema “Retrato”, que faz parte do livro *A viagem* (1937), no qual o eu lírico faz um retrato de si mesmo, mostrando como ele se encontra antes e depois do passar do tempo. O poema revela fugacidade do tempo e da vida, em que ele descreve como sendo uma mudança “tão simples, tão certa, tão fácil...”. O poema apresenta uma estrutura de três estrofes em que cada uma delas é composta de quatro versos, como veremos a seguir:

### **Retrato**

Eu não tinha este rosto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim magro,

nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
— Em que espelho ficou perdida  
a minha face?

Cecília Meireles inicia o poema “Retrato” com os seguintes versos: “Eu não tinha este rosto de hoje/ assim calmo, assim triste, assim magro,” nos quais o eu lírico observa a mudança ocorrida com o passar do tempo, mostra a transitoriedade da vida e a tristeza do eu lírico em constatar essas mudanças que muitas vezes não percebemos o quanto elas são rápidas “Eu não dei por esta mudança” e acontecem tanto no interior quanto no exterior do ser que, ao se olhar no espelho, percebe-se calmo, triste e magro.

A passagem rápida do tempo causa inúmeras modificações na vida do indivíduo, é no curso desses momentos que o ser adquire suas experiências de vida, sejam boas, sejam ruins. Nesse caso, essas experiências trouxeram ao ser do poema tristezas as quais ele desconhecia, mas que agora as percebe, ao se ver refletido no espelho “Nem estes olhos tão vazios/ Nem o lábio amargo”. A repetição da palavra “nem” demonstra que o “eu” não havia percebido essas mudanças.

No segundo verso, “Eu não tinha estas mãos sem força/ tão paradas e frias e mortas”, o eu lírico continua a observar as transformações que lhe ocorreram com o passar do tempo, ele olha suas mãos, que no momento não se encontram mais com a mesma força de outrora, agora ele as descreve melancolicamente, dizendo que estão “tão paradas e frias e mortas”. O eu lírico reforça que essas alterações acontecem tanto no aspecto físico do corpo quanto no íntimo, como já mencionado, pois, ao falar de seu rosto e de suas mãos, agora ele vem se referir aos seus sentimentos, ao seu coração, o qual já “nem se mostra” mais, devido, talvez, a sofrimentos vividos ao longo da vida, e nesse momento o coração traz em si seus sentimentos oprimidos e escondidos, quem sabe agora na ânsia de não querer mais sofrer, preferindo ocultar-se.

Na última estrofe, “Eu não dei por esta mudança/tão simples, tão certa, tão fácil”, vem descrever que o eu lírico não havia dado pela mudança, percebendo suas modificações tanto interior quanto fisicamente, e as descrevendo como “simples, certa e fácil”; encerra o poema o sentimento de indagação “em que espelho ficou perdida a minha face?”.

Aqui o espelho não toma a figura de um objeto, ele é uma metáfora e retrata o momento ou lugar em que o eu lírico perde sua vitalidade, sua jovialidade, e quando percebe, é tarde demais. As metáforas, dentre outros recursos, enriquecem os textos, mas podem tornar seu entendimento de difícil compreensão, e através de seus múltiplos significados podem também esclarecer uma ideia, nesse sentido Ricoeur, (1983, p. 41) diz que a metáfora “é uma transposição de uma palavra ou de uma frase, da sua significação própria para uma outra significação para produzir certo efeito”.

Nesse poema, a poetisa nos mostra em cada estrofe, cada verso, a transição da vida, a fugacidade dos momentos, enfatizando o quanto não paramos para observá-la, e, quando percebemos, ela já passou, a partir daí não vemos mais o mesmo rosto, as mesmas mãos, o mesmo coração, pois tudo passa por um processo de metamorfose, no qual estamos tão ocupados com o lado material que nos rodeia que “não damos por essa mudança”, que vem de forma “certa, simples fácil” para todos os indivíduos, sem distinção, deixando no final apenas essa enorme lacuna “Em que espelho ficou perdida a minha face?”

A perceptividade do instante nos poemas cecilianos é clara. Assim, o leitor, ao debruçar-se sobre a leitura dos seus poemas, consegue sentir o instante passar, ao mesmo tempo que reflete o quanto ele é fugaz. De certa forma, essa transitoriedade da vida pode ser comparada como a água que corre nos rios, ninguém nunca se banhará na mesma água, uma vez que ela está a todo momento se movimentando. Essa transição que acontece na vida está bastante nítida no poema abaixo:

## **TRANSIÇÃO**

O amanhecer e o anoitecer  
parece deixarem-me intacta.  
Mas os meus olhos estão vendo  
o que há de mim, de mesma e exata.



Uma tristeza e uma alegria  
o meu pensamento entrelaça:  
na que estou sendo cada instante,  
outra imagem se despedaça.

Este mistério me pertence:  
que ninguém de fora repara  
nos turvos rostos sucedidos  
no tanque da memória clara.

Ninguém distingue a leve sombra  
que o autêntico desenho mata.  
E para os outros vou ficando  
a mesma, continuada e exata.

(Chorai, olhos de mil figuras,  
pelas mil figuras passadas,  
e pelas mil que vão chegando,  
noite e dia... - não consentidas,  
mas recebidas e esperadas!)

O poema “Transição”, publicado no livro *Mar Absoluto*, escrito em 1972, ressalta muito bem como o momento pode ser fugaz, pois o próprio título “Transição” remete à passagem do tempo. Aqui o eu lírico vem expressar as marcas que essa transitoriedade acontece com ele mesmo, na poesia segundo Conde (2009-2010, p. 112-128) o eu lírico “está em permanente constituição, em uma gênese constantemente renovada pelo poema, fora do qual ele não existe. O sujeito lírico se cria no e pelo poema, que tem valor performativo”.

No poema em foco, podemos perceber que a voz do eu lírico reporta-se a uma mulher, fato que comprovamos com o uso do artigo feminino “a”, expresso ao final de algumas estrofes “intacta, mesma, exata, continuada”.

A rapidez com que transitam as coisas está ressaltada de início quando o eu lírico mostra “o amanhecer e o anoitecer”, que de forma expressa no poema nos sugere que existe uma sucessão de muitos dias e noites, porém essa rapidez com que os fatos acontecem parece não modificar o eu lírico, ou pelo menos a nostalgia em que ele se encontra não o permite perceber essas mudanças, “parece deixarem-me intacta”. É como se o eu lírico estivesse em

frente ao espelho e não visse as transformações pelas quais está passando. Somente consegue ver o que ele está sendo naquele momento “mas o meus olhos estão vendo/ o que há de mim, de mesma e exata”, ou seja, o eu lírico somente consegue ver aquele exato momento em que ele se encontra.

A antítese com que se inicia a segunda estrofe “tristeza e alegria” expressa como o “eu” está se sentindo, que esses sentimentos que entrelaçam seus pensamentos o moldam a cada instante e o fazem enxergar que a cada transformação sofrida um “eu” se “despedaça” para outro nascer, “na que estou sendo a cada instante,/ outra imagem se despedaça”. A voz poética entoada nesse verso denota a natureza dialética do tempo cuja principal lei é a transformação, haja vista que a cada instante algo muda com o tempo, os pensamentos, os sentimentos e as emoções do ser que sofre com a transitoriedade da vida.

É entre a tristeza e a alegria que o eu lírico vive o mistério da vida, e este mistério o pertence, mas não é percebido por ninguém de fora, apenas por ele mesmo, que o enxerga na vivência do ser através dos “turvos rostos sucedidos” que ele guarda no tanque da memória. Aqui a palavra tanque caracteriza-se como uma metáfora, que significa reservatório das lembranças ou lugar onde as lembranças estão armazenadas. Segundo a voz poética essa memória é clara, ou seja, ele consegue lembrar com facilidade suas recordações nos turvos rostos que se sucederam e que já não os possui mais.

Na quarta estrofe, o eu lírico expressa de forma melancólica que “ninguém distingue a leve sombra/ que o autêntico desenho mata”, quer dizer, ninguém consegue perceber as alterações sentimentais do eu lírico, mesmo que elas estejam estampadas na figura do ser, pois, para todos, apesar de transitoriedade do amanhecer e do anoitecer, ela continua “a mesma, continuada e exata”, ou seja, não mudou.

A última estrofe, diferentemente das demais que possuem quatro versos, está em forma de quintilha e traz uma reflexão sobre o passar e o durar do tempo. Quando o eu lírico se expressa dizendo “(chorai, olhos de mil figuras/ pelas mil figuras passadas/ e pelas mil que vão chegando)”, supõe-se que o “eu” reconhece as mudanças por ele sofridas e as muitas que estão por vir e que seus olhos choraram pelas mutações pelas quais ele passou e chorará pelas que ele ainda vai passar, pois elas continuarão a acontecer.

Na penúltima e última estrofe, o ser em reflexão faz alusão à noite e ao dia, enfatizando a passagem descrita no início do poema “amanhecer e anoitecer”, portanto é nessa passagem do tempo entre noite e dia que os rostos se sucederam, onde mil figuras passaram e onde outras mil estão por vir. Essas mudanças embora “não consentidas” são

“recebidas e esperadas”, como alguém que não admite a velhice e a morte, mas espera por elas, ainda que não sejam certas e exatas, cabendo apenas aguardá-las e aceitá-las.

O instante que sucede segundo a segundo na vida do ser o leva a vivenciar diferentes acontecimentos e sentimentos, como o amor, a tristeza e a felicidade. Mas, se a vida é tão breve e passageira, esses sentimentos são tão fugazes como os instantes que se passam? Ou se eternizam em nossas ações a ponto de permanecerem em nosso “tanque da memória”?

Na poesia de Cecília, esses sentimentos, apesar de transitórios, ficam na memória do ser e acontecem de forma tão fugaz que muitas vezes traz ao eu lírico um sentimento de desencontro e solidão. Esses sentimentos estão presentes no *Epigrama N. 2*, que pertence a coleção de escritos poéticos de *A Viagem* (1972).

## EPIGRAMA N. 2

És precária e veloz, Felicidade.  
Custas a vir e, quando vens, não te demoras.  
Foste tu que ensinaste aos homens que havia tempo,  
e, para te medir, se inventaram as horas.

Felicidade, és coisa estranha e dolorosa.  
Fizeste para sempre a vida ficar triste:  
Porque um dia se vê que as horas todas passam,  
e um tempo, despovoado e profundo, persiste.

Na palavra **Felicidade**, escrita com letra maiúscula, temos na literatura o que chamamos de maiúsculas alegorizantes, uma característica do Simbolismo que serve para ressaltar a palavra em meio ao poema. Sendo assim, Cecília ressalta a felicidade aqui como algo efêmero, “precário” e “veloz”.

Para o eu lírico, a felicidade é algo difícil de acontecer, que “custa a vir e, quando vens, não se demora”. A velocidade com que os momentos de felicidade acontecem está relacionada com o tempo e sua transitoriedade, uma vez que tudo no universo gira em torno do tempo e da ação dele sobre os seres.

A felicidade aqui pode ser vista como a própria razão de ser do tempo, a qual por sua natureza ser tão “precária e veloz” ensinou os homens a medir o tempo e a necessidade de inventar as horas, para que esses momentos fossem medidos e valorizados.

Na segunda estrofe, o eu lírico refere-se à felicidade utilizando a palavra “coisa”, indicando assim o quanto é difícil compreender natureza desse sentimento (felicidade), fato este que é frisado logo após, quando o eu poético emprega a palavra “estranha” sugerindo assim que a felicidade é uma “coisa estranha”, dessa forma, a felicidade é vista como algo que

não se pode explicar (estranha), apenas sentir, e senti-la embora seja um sentimento bom, pode muitas vezes se tornar “doloroso”, pois tristes são as horas que se procedem quando comparadas aos momentos nos quais ela se deu.

A felicidade, assim como o tempo, é algo transitório, passageiro, e por ser assim deixa a vida do homem mais triste, uma vez que com a passagem dos momentos felizes sobra ao homem uma realidade da vida que lhe é rotineira de maneira que os homens “inventaram as horas”, porque desse modo, saberão dar valor ao tempo que estão felizes.

Na segunda estrofe no último verso, o eu poético melancolicamente ressalta a transitoriedade da vida e dos seus momentos “porque um dia se vê que as horas todas passam” e, como tudo é passageiro, a felicidade também passa, razão pela qual o eu lírico fala tristemente no final do verso que “um tempo, despovoado e profundo, persiste”.

No poema em questão, não vemos, como no poema anterior, a voz poética expressar-se em primeira pessoa. A tristeza a qual ela ressalta após a passagem da felicidade não é uma tristeza individual, muito pelo contrário, esse sentimento é expresso em nome dos homens que sofrem ao perderem ou passarem por momentos de felicidade, fato que vem ensiná-los o valor do tempo e de sua existência e como o significado da felicidade é importante, pois o eu lírico mostra-se como alguém que já provou da felicidade e assim conhece o quanto é importante e o que se esperar dela.

### **3 CONCLUSÃO**

O leitor ao debruçar-se na leitura destes poemas de Cecília Meireles, depara-se com uma linguagem carregada de sentimentos e emoções que propõe uma reflexão sobre a vida do indivíduo e o tempo que transcorre em seu destino. O objetivo proposto neste trabalho visou analisar a fugacidade do instante presente nos poemas “Retrato”, “Transição” e “Epigrama Nº 2”, desse modo às análises dos poemas aqui propostas cumpriram seu papel no que contempla o objetivo a respeito da fugacidade do tempo, da transitoriedade do instante, que a partir das interpretações feitas constatou-se que o passar das horas e os dias na vida do ser, acarretam mudanças das quais muitas vezes não são percebidas pelo próprio ser.

A transitoriedade da vida e as mudanças que dela decorrem causam no indivíduo reflexões sobre o fluxo temporal que vivemos, em muitos casos é através desses momentos refletimos todo o tempo que tivemos, ou aproveitando-o ou desperdiçando-o, porém um fato é certo, sabemos que ele não volta,

É neste sentido que a poesia Cecilianiana contempla uma voz, onde o ser focaliza-se no tempo, manifestando suas emoções, esperanças e angústias, relativas a esse fluxo temporal que não se interrompe e não cessa, apenas acontece para tudo e para todos, incessante e fugaz.

## RESUMÉN

Este estudio tiene como objetivo analizar la fugacidad del tiempo en la poesía de Cecilia Meireles , a través del análisis de poemas , "Retrato " , "Transición " y " Epigrama N. 2 " . Este análisis es la literatura metodológica donde los autores se abordaron como Huidobro (1991 ) , Bosi (1977 ) , Heidegger (2009 ) , Agustín (1997 ) , entre otros . La lectura de poemas Cecilia Meireles ' ofrece a los lectores una reflexión sobre el tiempo y la vida del hombre . Siendo consagrado como escritor en un momento de cambio literario como ocurrió con la Semana de Arte Moderno , Cecilia Meireles lanza el mundo marcó sus poemas con rasgos únicos serán autor , poeta que siente y entiende la contemplación de la vida y los momentos que lo componen. Este estudio trata no sólo los elementos estilísticos de los poemas como la métrica , la rima y el ritmo, pero un análisis de la acción de tiempo en la vida del individuo , causando un reflejo de cómo este acto resulta ser externa como internamente , a menudo no se dan cuenta la velocidad de los acontecimientos.

Palabras clave: Fugacidad. Poesía. Tiempo.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões. XI**, 14, 17. 2. ed. Tradução de Maria Luiza Amarante. Revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1997.

AGOSTINHO. **As confissões**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Edameris, 1964.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

CONDE, Dominique. O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia. São Paulo: Revista da USP, 2009/2010.

FARIA, Ernesto (Org.). **Dicionário escolar Latino-português**. 3. ed. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza S/A, 1962.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 2009.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUIDOBRO, V. **Altazor e outros poemas**. Tradução de Antônio Risério e Paulo César Souza. São Paulo: Art, 1991.

MEIRELES, Cecília. **Literatura Comentada**. Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico por Norma Seltzer Goldstein e Rita de Cássia Barbosa. São Paulo: Abril Educação, 1982.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. v. 1, 2, 3, 4. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

NOBERT, Elias. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

POUND, Ezra Loomis. **A arte da poesia**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Porto: Rés, 1983

SANCHES, Miguel. In: MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 23.

VIEIRA, Flaviano Maciel. Abordagem poética. In: RIBEIRO NETO, Amador. **A linguagem da poesia**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011, p. 13.

